

Nora Roberts
AS
LÁGRIMAS
DA
LUA

TRADUÇÃO DE PAULO G. SILVA



CAPÍTULO UM

A Irlanda é uma terra de poetas e de lendas, de sonhadores e rebeldes. E a música envolve todos, por completo. São melodias para dançar ou chorar, para a batalha ou para o amor. Em tempos antigos, os harpistas viajavam de um lugar para o outro, tocando as suas melodias por uma refeição e uma cama, por alguma generosa moeda que as pudesse acompanhar.

Os harpistas e os *seanachais* — os contadores de histórias — eram bem recebidos por toda a parte, num chalé, numa estalagem ou à beira de uma fogueira de acampamento. O dom que espalhavam pela Irlanda era sempre apreciado, mesmo nos palácios do mundo das fadas, sob as verdes colinas.

E continua a ser apreciado.

Certa ocasião, não assim há tanto tempo, uma contadora de histórias chegou a uma aldeia tranquila, à beira mar, e teve uma recepção afectuosa. Ali, ela encontrou o seu coração e o seu lar.

Um harpista vivia na aldeia. Ali tinha o seu lar e era onde se sentia feliz. Mas ainda precisava de encontrar o seu coração.

Havia música a soar na sua cabeça. Às vezes surgia de uma forma suave e sonhadora, como os sussurros de uma pessoa apaixonada. Noutras ocasiões, a florava como um grito ou como uma gargalhada. Uma velha amiga, a convidá-lo para tomar uma cerveja no *pub*. Podia ser doce, veemente ou transbordar de lágrimas de desespero. E ele sentia sempre imenso prazer em ouvi-la.

Shawn Gallagher era um homem satisfeito com a vida. Naturalmente havia quem dissesse que ele se sentia feliz porque era raro ele sair dos seus sonhos para verificar o que acontecia no mundo. E Shawn não se importava com essas pessoas.

O seu mundo era a música e a família, o lar e os amigos é que contavam. Por que razão se deveria incomodar com qualquer outra coisa?

A família vivia há gerações na aldeia de Ardmore, no condado de Waterford, na Irlanda. Os Gallagher eram donos do *pub* local, oferecendo canecas de cerveja, uma boa refeição e um lugar para conversar há tanto tempo quanto a maioria das pessoas se podia lembrar.

Desde que os pais se haviam mudado para Boston, algum tempo antes, cabia a Aidan, o irmão mais velho de Shawn, dirigir o *pub*. O que era óptimo para Shawn Gallagher, já que ele não hesitava em admitir que

não tinha queda para os negócios nem queria ter. Sentia-se feliz em ser o homem da cozinha, pois cozinhar relaxava-o.

A música era parte dele, no *pub* ou na sua cabeça, enquanto atendia os pedidos ou preparava a ementa do dia.

Claro que havia ocasiões em que a sua irmã, Darcy — que tinha uma quota adicional de energia e ambição da família —, entrava na cozinha, enquanto ele preparava um guisado ou fazia uma sanduíche, e provocava uma discussão.

Mas isso servia para dar mais animação.

Shawn não se incomodava em dar uma ajuda para servir os clientes, especialmente se alguém estivesse a tocar música ou houvesse pessoas a dançar. E ajudava na limpeza sem se queixar, depois de fecharem, pois os Gallagher mantinham um *pub* impecável.

A vida em Ardmore convinha-lhe — o ritmo lento, as ondas a chocarem contra os penhascos, as colinas verdes ondulantes, que se estendiam até às montanhas escuras. A ânsia de conhecer outras terras, pela qual os Gallagher eram famosos, não se manifestava nele. Shawn tinha raízes profundas no solo arenoso de Ardmore.

Não tinha o menor desejo de viajar, como fizera o irmão, Aidan, ou como Darcy planeava fazer. Podia encontrar ali mesmo tudo aquilo de que precisava. Não via sentido em mudar de paisagem.

Embora, de certa forma, isso tivesse acontecido.

Durante toda a sua vida, Shawn olhara pela janela do seu quarto para ver o mar, que estava sempre ali, a desmanchar-se em espuma na areia, pontilhado de barcos, sereno ou furioso, com todos os ânimos intermediários. O cheiro da maresia era a primeira coisa que ele inspirava pela manhã, ao abrir a janela, inclinando-se para fora.

Quando o irmão casara com Jude Frances Murray, uma linda ianque, no Outono passado, pareceu-lhe apropriado promover alguns ajustes.

De acordo com o costume dos Gallagher, o primeiro a casar-se ficava com a casa da família. Por isso, Jude e Aidan instalaram-se na casa enorme, na zona limítrofe da aldeia, quando voltaram da lua-de-mel em Veneza.

Quando lhe ofereceram a opção entre o apartamento por cima do *pub* e o pequeno chalé que pertencia ao lado Fitzgerald da família de Jude, Darcy escolheu o apartamento. Pressionara Shawn, e quem mais se deixara envolver pelos seus encantos, a pintar e remodelar, até que os aposentos, antes espartanos, de Aidan, se transformassem no seu pequeno palácio.

Shawn não se incomodara.

Preferia mesmo o chalé na colina das fadas, com a vista dos penhascos, o lindo jardim e o bendito sossego.

Também não se importava com o fantasma que vagueava pelo chalé.

Ainda não o vira, mas sabia da sua presença. Era *Lady Gwen*, que se lamentava por ter rejeitado o seu amor, o príncipe das fadas. Esperava agora que o encanto chegasse ao fim, para libertar os dois. Shawn conhecia a história da jovem donzela que ali vivera trezentos anos antes. Naquele mesmo chalé, naquela mesma colina.

Carrick, o príncipe das fadas, apaixonara-se por ela. Mas, em vez de dizer as palavras certas, em vez de oferecer o seu coração, mostrara a grandiosidade da vida que proporcionaria à sua amada. Por três vezes levava a *Lady Gwen*, num saco de prata, as pedras mais preciosas do mundo. Primeiro, foram diamantes moldados no fogo do sol, depois as pérolas feitas com as lágrimas da lua e, finalmente, as safiras arrancadas do coração do mar.

Mas, duvidando do coração de Carrick e do seu próprio destino, ela recusara-o. E as pedras preciosas que ele despejara aos pés de Gwen, segundo a lenda, haviam-se transformado nas flores que ostentavam o jardim no chalé.

A maior parte das flores dormia agora, pensou Shawn, sob o vento frio do Inverno que soprava ao longo da costa. Os penhascos, onde se dizia que *Lady Gwen* passeava, em lágrimas, estavam áridos e inóspitos, sob o céu ameaçador.

Uma tempestade concentrava-se ali, prestes a desabar.

Era uma manhã gelada, com o vento a sacudir as janelas e a infiltrar-se por todas as frestas para esfriar o chalé. Como tinha a lareira acesa na cozinha e um chá bem quente nas mãos, Shawn não se importava com o vento. Até apreciava a sua música arrogante, enquanto, sentado à mesa da cozinha, comia biscoitos e pensava na letra de uma melodia que acabara de compor.

Só precisava de ir para o *pub* dali a uma hora. Mas, para ter a certeza de que chegaria dentro do horário, ligara o alarme do relógio do forno. Como reforço, deixara o despertador também programado no quarto. Sem ninguém ali para o arrancar dos seus sonhos e dizer que tinha de sair, ele tendia a esquecer-se das horas por completo.

Já que Aidan ficava irritado quando ele se atrasava e Darcy aproveitava o pretexto para o criticar, Shawn fazia o seu melhor para ser pontual. O problema era que ignorava o alarme e não ouvia a campainha do despertador quando ficava absorvido demais na música.

Era o que acontecia agora, toda a sua atenção concentrada numa canção de amor, um amor jovem e confiante. O tipo de amor, pensou Shawn, caprichoso como o vento, mas divertido enquanto durava. Uma melo-

dia para dançar, decidiu ele, que exigiria pés ágeis e rápidos, um flirt incessante.

Poderia apresentá-la no *pub*, depois de limar um pouco mais as arestas. Talvez conseguisse persuadir Darcy a cantá-la. A voz da irmã era a mais apropriada para a canção.

Demasiado aconchegado na cozinha para se dar ao trabalho de ir até à sala, onde instalara o velho piano que comprara ao mudar-se para o chalé, Shawn marcava o ritmo com o pé, enquanto trabalhava na letra.

Não ouviu as batidas na porta da frente, o barulho dos passos no corredor nem o resmoneio irritado.

Era típico, pensou Brenna. De novo perdido num mundo qualquer de sonhos, enquanto a vida continuava em seu redor. Ela nem sabia porque se dera ao trabalho de bater à porta. Afinal, Shawn quase nunca ouvia; além disso, estavam os dois acostumados a entrar, sem bater, na casa um do outro, desde a infância.

Só que já não eram crianças. Por isso, ela preferia bater antes de entrar, para não se deparar com alguma coisa que não gostasse de ver.

Tanto quanto ela sabia, Shawn poderia ter uma mulher no chalé. Ele atraía-as, como água com açúcar atrai abelhas. Não que ele fosse doce, necessariamente. Mas bem que poderia ser.

Como era bonito! O pensamento aflorou espontaneamente na sua mente, e Brenna detestou-se por isso. Mas, no final de contas, era difícil não notar isso.

Aquele lindo cabelo preto que parecia algo desleixado, já que Shawn nunca se lembrava quando era tempo de o cortar. Olhos tranquilos, de um azul sonhador... a não ser quando alguma coisa o excitava, pois nessas ocasiões eram capazes de se inflamar, frios ou quentes, de igual forma. Shawn tinha pestanas pretas e longas, pelas quais as quatro irmãs de Brenna venderiam a própria alma. A boca era cheia e firme; na opinião de Brenna, feita para beijos longos e palavras suaves.

Embora ela não tivesse qualquer experiência pessoal, ouvira comentários.

O nariz era comprido e um pouco torto, resultado de uma *line drive*, a bola arremessada no baseball que sai baixa, rápida e directa. Fora ela quem a lançara, quando jogavam juntos, há mais de dez anos.

Tendo tudo em conta, Shawn tinha o rosto de um príncipe do mundo das fadas. Ou de um galante cavaleiro andante numa busca interminável. Ou de um anjo um pouco desleixado. Acrescentando-se a isso o corpo comprimido e esguio, as mãos maravilhosas, de palmas largas, dedos de artista, a voz como uísque aquecido por fogo de turfa, a embalagem admirável estava completa.

Não que ela tivesse algum interesse pessoal. Apenas apreciava as coisas que eram bem feitas.

E era uma mentirosa incorrigível. Até a si mesma mentia.

Sentia atracção por Shawn antes mesmo de acertar com a bola no seu nariz... e tinha catorze anos contra os dezanove dele na ocasião. Uma atracção assim tendia a tornar-se algo mais quente, mais intenso, quando a rapariga se tornava uma mulher de vinte e quatro anos.

Só que Shawn nunca a contemplara como mulher.

Ainda bem, Brenna pensou, enquanto mudava de posição. Não tinha tempo para perder com homens como Shawn Gallagher. Algumas pessoas precisavam de trabalhar.

Com um sorriso irónico, ela baixou devagar a caixa com as ferramentas, para depois a deixar cair, com o maior estardalhaço. O facto de ele ter saltado como um coelho ao ouvir um disparo deixou-a satisfeita.

— Santo Deus! — Shawn virou-se na cadeira, num movimento brusco. Apertou o peito, como se estivesse a fazer com que o coração batesse de novo. — O que aconteceu?

— Nada. — Brenna manteve o sorriso. — Dedos de manteiga. — Ela falou num tom doce, tornando a pegar na caixa. — Apanhaste um susto, hein?

— Quase me mataste.

— Eu bem que bati à porta, mas tu não te deste ao trabalho de te levatares para a abrir.

— Não ouvi. — Shawn suspirou. Empurrou os cabelos para trás. Franziu o rosto. — A O'Toole veio fazer uma visita. Há aqui algo avariado?

— A tua mente é igual a um balde enferrujado. — Brenna tirou o casaco e largou-o no espaldar de uma cadeira. Acenou com a cabeça para o fogão. — O teu forno não funciona há uma semana. E a peça que encomendei acaba de chegar. Queres que o conserte ou não?

Ele soltou um grunhido de concordância, acenando com a mão.

— Biscoitos? — disse Brenna, enquanto passava pela mesa. — Que tipo de pequeno-almoço é esse para um homem crescido?

— Estavam aqui. — Shawn sorriu, da forma que a deixava com vontade de o aconchegar no seu colo. — É uma chatice, cozinhar apenas para mim de manhã. Mas, se estiveres com fome, posso fazer alguma coisa para nós os dois.

— Não precisas de te incomodar. Já comi. — Ela voltou a largar a caixa no chão, ao lado do fogão. Abriu-a e começou a vasculhar lá dentro. — Tu sabes que a minha mãe faz sempre mais comida do que é necessário. Ela ficaria feliz se aparecesses por lá qualquer dia para um café da manhã.

— Dispara um foguete de sinalização quando ela fizer aquelas pan-

quecas especiais. Mas não queres tomar um chá? O bule ainda está quente.

— Não me importaria. — Enquanto escolhia as ferramentas e pegava na peça nova, Brenna observou os pés de Shawn, a circular pela cozinha. — O que estavas a fazer? A compor?

— A procurar palavras para a letra de uma melodia. — respondeu ele, distraído. Os seus olhos haviam focado o voo de um pássaro solitário, preto e lustroso, contra o céu cinzento. — Parece que está muito frio lá fora.

— Frio e húmido. O Inverno ainda mal começou e já estou a torcer para que acabe em breve.

— Aquece um pouco os ossos.

Shawn baixou-se com uma caneca de chá, preparado da forma como sabia que ela gostava, forte, com bastante açúcar.

— Obrigada.

O calor da caneca passou para as mãos de Brenna quando pegou nela.

Ele permaneceu agachado, tomando o seu chá. Os joelhos encostavam-se, numa atitude de companheirismo.

— O que vais fazer com esse ferro velho?

— Que importância tem isso para ti, desde que volte a funcionar?

Shawn alteou uma sobrancelha.

— Se eu souber o que tu fizeste, posso ser eu a consertar na próxima vez.

O comentário fê-la rir-se tanto, que teve de se sentar no chão, para não perder o equilíbrio.

— Tu? Oh, Shawn, não és sequer capaz de dar um jeito na tua unha partida.

— Claro que sou.

Sorrindo, ele fez o gesto de roer uma unha, o que levou Brenna a uma nova gargalhada.

— Não te metas no que vou fazer nas entranhas desta coisa, e eu também não me envolverei com o próximo bolo que tu preparares aqui. Afinal, cada um tem as suas habilidades.

— Até parece que nunca usei uma chave de fendas. — murmurou ele, pegando numa das que estavam na caixa.

— E eu também já usei uma batedeira. Mas sei qual das duas coisas se ajusta melhor na minha mão.

Brenna tirou-lhe a chave de fendas. Mudou de posição, enfiando a cabeça dentro do forno, para começar a trabalhar.

Ela tinha mãos pequenas, pensou Shawn. Um homem poderia considerá-las delicadas, se não soubesse o que eram capazes de fazer. Já a

observara a manejar um martelo, a empunhar um berbequim, a levantar madeira, a apertar uma rosca. Na maior parte do tempo, aquelas pequenas mãos de fada estavam cortadas, arranhadas ou lesionadas nas articulações.

Era uma mulher pequena para o trabalho que escolhera... ou fora o trabalho que a escolhera, pensou Shawn, enquanto se erguia. Sabia como isso era. O pai de Brenna consertava tudo, e a filha mais velha saíra a ele. Assim como se dizia que Shawn saíra à mãe da sua mãe, que muitas vezes se esquecia de lavar a roupa ou fazer o jantar, enquanto tocava a sua música.

Enquanto ele começava a recuar, Brenna mexeu-se, com o rabo a apertar-se ao fazer força para tirar um parafuso. Shawn franziu as sobrancelhas, no que considerou ser apenas o interesse reflexivo de um homem por uma parte atraente da anatomia feminina.

Afinal, Brenna tinha um corpo esguio e firme. E um homem poderia apalpar tudo aquilo com apenas uma das mãos. Mas, se alguém tentasse, Shawn imaginava que Brenna O'Toole o deixaria estendido no chão, inconsciente.

A ideia fê-lo sorrir.

De qualquer forma, preferia sempre contemplar o rosto de Brenna. Era extraordinário. Os olhos faiscavam, de um verde profundo, sob sobrancelhas elegantes, apenas um pouco mais escuras do que os cabelos ruivos lustrosos. A boca estava sempre preparada para sorrir, entreabrir-se em desprezo ou contrair-se em fúria. Brenna raramente usava baton — ou qualquer outra maquilhagem no resto do seu rosto, diga-se de passagem —, embora fosse unha e carne com Darcy, que não punha os pés fora de casa enquanto não estivesse pintada com perfeição.

O nariz era pequeno e arrebicado, com a tendência para tremer em desaprovação ou desdém. Na maioria das vezes, os cabelos ficavam presos sob o boné, onde ela prendera a pequena fada que Shawn lhe havia dado, anos antes, por algum motivo que já não se conseguia lembrar. Mas, quando Brenna tirava o boné, parecia haver quilómetros de cabelos de um ruivo forte e brilhante, todo encrespado.

O que combinava com ela.

Como queria ver de novo aquele rosto, antes de partir para o *pub*, Shawn encostou-se ao balcão, relaxado. Sorriu na expectativa.

— Ouvi dizer que andas a sair com o Jack Brennan.

Brenna levantou a cabeça abruptamente, batendo na parte superior do forno, com um estrondo. Shawn estremeceu. Por uma questão de sensatez, tratou de reprimir o riso.

— Não ando, não! — Como ele esperava, Brenna tirou a cabeça de dentro do forno. Havia um pouco de fuligem no nariz. Enquanto esfregava a cabeça dolorida, ela entortou o boné. — Quem disse?

— Hum... — Com ar inocente, como três cordeiros, Shawn encolheu os ombros e terminou de tomar o chá. — Pensei ter ouvido por aí, em qualquer lugar. Sabes como são essas coisas.

— Vives com a cabeça nas nuvens e não prestas atenção a nada. Não ando a sair com ninguém. Não tenho tempo para essas idiotices.

Irritada, Brenna voltou a enfiar a cabeça dentro do forno.

— Nesse caso, estou enganado. O que pode acontecer com a maior das facilidades hoje em dia, numa altura em que a aldeia está cheia de romance. Noivados, casamentos e bebés a caminho.

— Pelo menos essa é a ordem apropriada.

Shawn soltou uma gargalhada. Voltou a ajoelhar-se ao lado de Brenna. Num gesto cordial, pousou a mão no rabo dela, mas não notou que ela ficou subitamente imóvel.

— O Aidan e a Jude já estão a escolher nomes, e ela mal completou dois meses de gravidez. Formam um casal adorável, não achas?

— Acho. — Brenna sentia a boca ressequida com o anseio, perigosamente próximo da necessidade. — É bom vê-los felizes. A Jude gosta de acreditar que o chalé é mágico. Apaixonou-se pelo Aidan aqui, iniciou uma vida nova, escreveu o seu livro. Diz que todas as coisas com que tinha até medo de sonhar aconteceram ao mesmo tempo. Tudo aqui.

— É um chalé adorável. Tem algo de diferente. — Shawn falava em parte para si mesmo. — Pode-se sentir em momentos inesperados. Quando se cai no sono ou se acaba de acordar. É como... uma sensação de espera.

Com a nova peça no lugar, Brenna tirou a cabeça do forno. Ele subiu a mão pelas suas costas, tranquilo, depois afastou-a.

— Já viste a *Lady Gwen*?

— Não. Às vezes sinto uma espécie de movimento no ar, à beira do meu campo de visão. Mas, quando viro a cabeça, não vejo nada. — Shawn afastou-se dela. Sorriu e levantou-se. — Talvez ela não queira que eu a veja.

— Eu diria que és o candidato perfeito para um fantasma com o coração partido. — Brenna desviou os olhos da expressão surpresa de Shawn. Mexeu nos botões do fogão, enquanto acrescentava. — Agora já deve funcionar em condições. Vamos a ver se está a aquecer.

— Podes verificar por mim, querida? — O alarme do forno tocou, provocando um sobressalto em ambos. — Tenho de ir agora.

Ele inclinou-se para desligar o alarme.

— É esse o teu sistema de alerta?

— Um deles. — Shawn levantou um dedo. Como se fosse uma deusa, o despertador no quarto começou a tocar. — É a segunda ronda. Mas

vai desligar-se automaticamente, quando a corda acabar. Se não fosse assim, eu teria de subir a correr para o desligar todos os dias.

— Quando precisas és bastante esperto, não és?

— Tenho os meus momentos. O gato saiu. — Shawn pegou no saco, pendurado num gancho. — Não tenhas pena dele, se voltar para arranhar a porta. O Bub sabia no que se estava a meter quando insistiu em se mudar para cá comigo.

— Lembraste-te de lhe dar comida?

— Não sou um idiota chapado. — Sem se sentir ofendido, Shawn passou o cachecol em torno do pescoço. — Ele tem comida suficiente... e se não tiver, vai suplicar à porta da tua cozinha. É capaz de fazer qualquer coisa só para me envergonhar. — Shawn colocou o boné na cabeça, enquanto acrescentava: — Vais aparecer no *pub*?

— É bem provável.

Brenna não suspirou, até ouvir a porta da frente ser fechada.

Qualquer anseio por Shawn Gallagher era um absurdo, disse ela a si mesma. Pois Shawn jamais sentiria a mesma coisa por ela. Pensava nela como uma irmã... ou, pior ainda, compreendeu Brenna, como uma espécie de irmão honorário.

E era também culpa dela, admitiu Brenna, olhando para as gastas calças de trabalho e as botas arranhadas. Shawn gostava do tipo feminino, e ela estava longe disso. Poderia tentar arranjar-se. Entre Darcy e as suas irmãs, além de Jude, é claro, não haveria limite de consultas sobre o embelezamento de Brenna O'Toole.

Mas, além do facto de ela detestar todo esse trabalho e confusão, qual seria o sentido? Se, por acaso, se arranjasse e se maquilhasse, se apertasse e se enfeitasse para atrair um homem, ele não seria atraído pelo que ela era de facto.

E, de qualquer maneira, se pusesse baton e usasse jóias, acompanhando algum vestido insinuante, Shawn provavelmente riria até mais não poder, para depois fazer qualquer comentário idiota, que não lhe deixaria outra opção senão acertar-lhe com um soco na sua cara.

Não fazia mesmo qualquer sentido.

Deixaria a fantasia para Darcy, que era a campeã da aparência feminina. E para as suas irmãs, que gostavam dessas coisas, pensou Brenna. Quanto a ela... continuaria com as suas ferramentas.

Brenna voltou a concentrar-se no forno. Ligou-o em diferentes temperaturas. Verificou a grelha, apenas por precaução. Satisfeita por estar a funcionar em ordem, desligou-o e guardou as suas ferramentas.

Pretendia sair sem demoras. Afinal, não havia qualquer motivo para ficar por mais tempo. Mas o chalé era muito aconchegante. Um lugar

em que sempre se sentira à vontade. Quando a velha Maude Fitzgerald vivera ali, por mais anos do que Brenna poderia contar, Brenna aparecia com frequência para uma visita.

Depois, Maude morrera, e Jude viera dos Estados Unidos para passar uma temporada no chalé. Haviam-se tornado amigas. Por isso, fora fácil retomar a rotina de parar ali de vez em quando, ao voltar para casa ou a caminho da aldeia.

Brenna ignorava o impulso de parar com mais frequência, agora que Shawn morava ali. Mas era difícil resistir. Gostava do sossego do chalé e de todas as coisas bonitas que Maude acumulara ao longo dos anos. Jude deixara tudo no lugar, e Shawn parecia contente em fazer a mesma coisa. A pequena sala continuava alegre como sempre, com os seus adornos, as estatuetas encantadoras de fadas e magos, com os livros e o velho tapete desbotado.

É verdade que agora, após Shawn ter posto o piano em segunda mão no espaço restrito, quase não dava para uma pessoa se virar. Mas Brenna achava que o piano aumentava o charme. E a velha Maude sempre gostara de música.

Ela ficaria satisfeita, pensou Brenna, enquanto passava um dedo pela madeira preta escalavrada, porque havia alguém a fazer música no seu chalé outra vez.

Distraída, ela deu uma vista de olhos pelas partituras que Shawn deixara em cima do piano. Ele estava sempre a compor uma nova canção ou a mudar alguma coisa numa canção antiga. Brenna franziu o rosto, enquanto estudava os rabiscos e os pontos. Podia cantar, é verdade, de preferência uma canção de protesto, sem fazer com que algum cachorro uivasse em resposta. Mas tocar era muito diferente.

Como estava sozinha, ela decidiu satisfazer a sua curiosidade. Tornou a largar a caixa de ferramentas no chão, pegou numa partitura e sentou-se ao piano. Com alguma dificuldade, mordendo o lábio, encontrou o dó médio no teclado. Lentamente, começou a tocar, uma nota de cada vez.

Era adorável, é claro. Tudo o que Shawn compunha era lindo. Nem mesmo a maneira lamentável como ela tocava poderia acabar com a beleza da música.

Ele acrescentara palavras àquela melodia, como fazia com frequência. Brenna limpou a garganta e tentou adaptar a voz a cada nota.

*À noite, quando estou sozinho e a lua derrama
as suas lágrimas,
sei que o mundo voltaria a ser maravilhoso
se estivesses aqui.*

*Sem ti, o meu coração fica vazio,
apenas com as lembranças que guarda.
Tu, só tu, existes dentro de mim, à noite,
quando a lua chora.*

Brenna parou. Suspirou, já que não havia ninguém que a ouvisse. As canções de Shawn deixavam-na sempre comovida, mas desta vez era um pouco mais profundo. E um pouco mais genuíno.

Lágrimas da lua, pensou ela. Pérolas para *Lady Gwen*. Um amor que pedia, mas não conseguia ser atendido.

— É muito triste, Shawn. O que há dentro de ti para compores uma música de tanta solidão?

Por melhor que o conhecesse, Brenna não sabia qual era a resposta para essa indagação. E bem que gostaria de saber. Sempre quisera conhecer a chave para Shawn. Mas ele não era como um motor ou uma máquina, que ela podia desmontar para saber como funcionava. Os homens eram mais complicados, enigmas frustrantes.

Era o segredo de Shawn, o seu talento, pensou Brenna. Tudo interior e misterioso. Enquanto as suas próprias habilidades eram... Ela olhou para as mãos pequenas e eficientes. As suas habilidades eram as mais simples possíveis.

Mas pelo menos ela tirava um bom proveito e ganhava a vida com o que sabia fazer. E o que Shawn fazia com o seu enorme talento, a não ser sentar-se e sonhar? Se ele tivesse um pingo de ambição, ou um orgulho sincero pelo seu trabalho, venderia as suas canções, em vez de apenas compô-las e guardá-las em caixas.

O homem precisava de um bom pontapé no rabo por desperdiçar o talento que Deus lhe dera.

Mas isso, pensou Brenna, era uma irritação para outro dia. Agora, tinha o seu trabalho para fazer.

Ela começou a levantar-se, estendendo a mão para a caixa de ferramentas. E foi nesse instante que um movimento atraindo a sua atenção. Empertigou-se toda, mortificada ao pensar que Shawn voltara — ele passava a vida a esquecer-se de algo — para a surpreender a tocar a sua canção.

Mas não era Shawn quem parara à porta.

A mulher tinha cabelos dourados, mais para o claro, caindo em torno dos ombros. Usava um vestido cinzento, simples, que descia até ao chão. Os olhos eram de um verde suave, o sorriso tão triste que partia o coração ao primeiro olhar.

Reconhecimento, choque e uma exaltação inebriante envolveram

Brenna ao mesmo tempo. Ela abriu a boca, mas o que quer que fosse que tencionava dizer saiu num chio, enquanto o seu coração disparava.

Tentou de novo, um pouco embaraçada ao descobrir que os seus joelhos tremiam.

— Lady Gwen... — balbuciou ela.

E achou que era admirável ainda ter conseguido dizer isso, ao deparar-se com um fantasma de trezentos anos.

Enquanto a observava, uma única lágrima, brilhante como prata, deslizou pelo rosto da mulher.

— O coração dele está na canção. — A voz era tão suave como pétalas de rosa, mas, mesmo assim, deixou Brenna a tremer. — Presta atenção.

— O que...

Mas antes que pudesse concluir a pergunta, Brenna descobriu-se sozinha, apenas com a fragrância de rosas silvestres a pairar no ar.

— Essa não! — Ela tinha de se sentar. Não havia como evitar. E sentou-se no banco do piano. — Essa não! — Murmurou outra vez.

Teve de respirar fundo, várias vezes, até o coração parar de bater fortemente dentro do peito.

Quando achou que as pernas seriam capazes de a sustentar de novo, decidiu que era melhor contar a história a alguma pessoa, sábia, sensata e compreensiva. E não conhecia ninguém que se ajustasse a esses requisitos tão bem como a sua mãe.

Acalmou-se ainda mais no curto percurso até à sua casa. Ficava fora da estrada, quase como se fosse um quebra-cabeças, com peças acrescentadas aqui e ali ao longo dos anos. Ela própria ajudara a construir algumas. Quando o pai tinha uma ideia para aumentar a casa, Brenna tinha o maior prazer em ajudá-lo, serrando e martelando. Algumas das suas lembranças mais felizes eram do trabalho ao lado de Michael O'Toole, que gostava de assobiar enquanto fazia as coisas.

Ela parou atrás do carro velho da mãe. Precisavam de pintar aquela lata velha, pensou Brenna, distraída, como sempre fazia. A fumaça saía pela chaminé.

Lá dentro, havia aconchego e calor, o cheiro da comida da manhã. Ela encontrou a mãe, Mollie, na cozinha, tirando o pão do forno.

— Mãe...

— Santo Deus, rapariga! Pregaste-me um susto.

Com uma gargalhada, Mollie colocou o tabuleiro em cima do fogão. Virou-se para a filha, sorrindo. Tinha um rosto bonito, ainda jovem e liso, com os cabelos ruivos que legara à filha presos no alto da cabeça, por conveniência.

— Desculpa. Estás a ouvir música.

— É pela companhia.

Mollie estendeu a mão para desligar o rádio. Por baixo da mesa, Betty, a cadela amarela da família, virou-se e soltou um gemido.

— Porque voltaste tão cedo para casa? Pensei que tinhas trabalho para fazer.

— Tinha. E tenho. Preciso de ir à aldeia ajudar o pai. Mas passei no Faerie Hill para consertar o forno do Shawn.

— Hum...

Mollie virou-se, para tirar os pães do tabuleiro, e deixá-los numa armação até esfriarem.

— O Shawn saiu antes que eu acabasse. Por isso, fiquei mais algum tempo no chalé. — Quando Mollie voltou a soltar o mesmo grunhido distraído, Brenna mudou de posição. — E quando eu já ia sair... *Lady Gwen* apareceu.

— Hum... Como?

Finalmente registando as palavras da filha, Mollie virou a cabeça para a fitar.

— Eu vi-a. Eu estava a tocar algumas notas no piano. Quando virei a cabeça, avistei-a na entrada da sala.

— Deve ter sido um susto e tanto.

Brenna suspirou. Mollie O'Toole era mesmo uma pessoa sensata, abençoada fosse.

— Fiquei tão atordoada que quase engoli a língua. Ela é mesmo muito bonita, como a velha Maude costumava dizer. E triste. Uma tristeza tão profunda que parte o coração.

— Sempre tive a esperança de a ver. — Uma mulher prática, Mollie serviu duas chávenas de chá e levou-as para a mesa. — Só que isso nunca aconteceu.

— Sei que o Aidan falou durante anos que a via. E depois foi a vez da Jude, quando se instalou no chalé. — Relaxada de novo, Brenna sentou-se à mesa. — Eu tinha acabado de conversar com o Shawn sobre *Lady Gwen*. Ele disse que nunca a vira... sentira, mas não vira. E, de repente, lá estava ela, a aparecer para mim. Por que razão achas que isso aconteceu?

— Não sei, querida. O que sentiste?

— Além de um choque pela surpresa, acho que compaixão. E depois perplexidade, porque não entendi o que ela me disse.

— *Lady Gwen* falou contigo? — Os olhos de Mollie arregalaram-se. — Nunca soube que ela tenha falado com qualquer pessoa. Nem mesmo com Maude, que me teria contado. O que disse *Lady Gwen*?

— O coração dele está na canção. E acrescentou que eu deveria

prestar atenção. Quando recuperei o controlo, para perguntar o que isso significava, ela já havia desaparecido.

— Já que é o Shawn quem ali mora agora, e era o piano dele que estavas a tocar, eu diria que a mensagem foi bastante clara.

— Mas eu oiço a música dele durante todo o tempo. Não se pode ficar cinco minutos na companhia de Shawn sem a ouvir.

Mollie tinha intenção de falar. Mas mudou de ideias, Limitou-se a colocar a mão sobre a da filha. A sua querida Mary Brenna, pensou ela, tinha a maior das dificuldades em reconhecer qualquer coisa que não pudesse desmontar e montar de novo.

— Eu diria que vais acabar por perceber, quando chegar o momento.

— Ela faz com que a gente sinta vontade de a ajudar. — murmurou Brenna.

— És uma boa rapariga, Mary Brenna. Talvez, antes de tudo acabar, possas mesmo ajudá-la.